

## **A Tapeçaria de Bayeux: instrumento de justificação e consolidação do poder real**

Lúcio Carlos Ferrarese (PPH - UEM)  
Dr. Jaime Estevão dos Reis (PPH - UEM)

O ano de 1066 é de especial consideração na história da Inglaterra, pois este foi o mesmo ano em que ocorreu a última invasão militar das ilhas britânicas. Normalmente protegidos pelo oceano, os anglo-saxões ainda assim conheceram os ataques vikings, que conquistaram territórios e estabeleceram-se como senhores em vários pontos da Bretanha. Porém, nenhum destes ataques foi similar ao perpetrado pelo duque Guilherme da Normandia, descendente de vikings que se estabeleceram na costa noroeste da França. Influenciado tanto por suas tradições normandas quanto pelas instituições francesas, em especial da cavalaria e da realeza, Guilherme, alcunhado Conquistador, invadiu e conquistou a Inglaterra no ano de 1066. Sua chegada ao poder real britânico modificou a estrutura política da sociedade anglo-saxônica não apenas em relação à dinastia, mas também nas relações de suserania e vassalagem: anteriormente, os senhores feudais ingleses poderiam mesmo rivalizar com os desígnios do rei; após Guilherme, este centralizará o poder em torno de sua figura, de forma tal que sua monarquia diferirá da realeza da Europa continental. Em última instância, todas as terras do reino pertenciam ao rei (BRIGGS, 1998, p. 64). Essa diferença terá reflexos mesmo hodiernamente, ao percebermos a influência que a ideia de monarquia tem sobre a sociedade inglesa.

A conquista da Inglaterra foi considerada como notável mesmo em sua época e ainda em sua geração muitos documentos e trabalhos relatando seus acontecimentos foram criados. Em especial, um documento se destaca por sua construção única: a Tapeçaria de Bayeux. Por ser um trabalho em tecido,

sobrevivendo mais de nove séculos, sua existência permitiu variadas pesquisas e debates acerca de sua natureza, tanto material quanto intelectual. Em especial a este último foco, observo-o como fonte para a justificação do poder real de Guilherme, tanto para seus antigos súditos quanto para seus novos súditos.

Não devemos pensar a vitória de Guilherme no ano de 1066 como uma aventura militar de invasão que culminou com sua coroação. Ocorreu toda uma construção argumentativa da legalidade e da retidão de seu direito ao trono. Primo em segundo grau de Eduardo o Confessor, rei da Inglaterra entre 1042 e 1066 e que não deixou descendentes, Guilherme era considerado um estrangeiro normando para os ingleses, e possuía seus próprios lordes ingleses poderosos, em especial o conde Haroldo Godwinson. De fato, mesmo com relação a seu suserano Eduardo, a família Godwin, incluindo Haroldo, já mantinha uma disputa de poder e tensão pelas influências de seus vassalos e servos. Isso tornou ainda mais necessária a justificação do poder régio de Guilherme sobre seus súditos ingleses, e a Tapeçaria de Bayeux serviu como um dos instrumentos para a busca desse objetivo.

Esta tapeçaria consiste em trabalho em linho e lã, com aproximadamente setenta metros de comprimento por meio metro de largura, feita de vários tecidos de cores diferentes. Nela está contida uma série de eventos em imagens, demonstrando desde o momento em que Haroldo Godwinson fala com o rei Eduardo o Confessor antes de embarcar em uma viagem para a Normandia, até a fuga dos ingleses do campo de batalha de Hastings. Em sua extensão também existem frases em latim, usadas para explicar algumas das passagens da história. Além disso, as bordas superiores e inferiores apresentam pequenas histórias, imagens e fábulas que também ajudam a compreender a história principal, embora de uma maneira indireta (LEWIS, 1999, pág. 59).

Não existem registros de onde, quando e por quem essa fonte foi costurada, assim como não temos registro de quem a ordenou. Hodiernamente é plausível a teoria de que a tapeçaria tenha sido criada ainda na contemporaneidade da Batalha de

Hastings e dos outros eventos narrados, possivelmente cosida por uma oficina de monjas bordadeiras. Essa teoria seria corroborada por algumas das palavras utilizadas e como estas foram escritas, como o nome GYRTH sendo escrito na forma inglesa GYRD (THORPE, 1973, p. 58). Interessantemente, isso demonstraria certa tensão, pois seria um trabalho feito por mãos inglesas em comemoração a uma conquista estrangeira de sua terra. Quanto a quem a ordenou, especula-se que o meio-irmão de Guilherme, o bispo Odo de Bayeux, seja o principal suspeito (BARTHÉLEMY, 2010, p. 249). A narrativa apresentada nesse documento teria sido uma forma de exaltar a conquista do seu parente e assim adquirir prestígio e favorecimento, embora também apresente uma participação importante do próprio bispo Odo na história contada. Essa exaltação própria seria um dos motivos pelo qual se suspeita desse homem, bem como pelo fato de que a Tapeçaria se tornou uma das possessões da Catedral de Bayeux, local de seu prelado.

A tapeçaria apresenta a conquista de Guilherme de um ponto de vista obviamente normando, e serve como justificção da conquista. O público alvo de sua narrativa é não apenas Guilherme, mas também seus vassallos e servos, apresentando a estes uma história onde sua conquista aparece como um desígnio divino e uma punição pela traição vassálica de Haroldo (LEWIS, 1999, p. 22). A narrativa faz uso de várias táticas para isso, desde a afirmação direta através de texto e imagem, até as representações das fábulas e criaturas no cabeçalho e rodapé da história, e passando por momentos de ausência de explicações, de “silêncio”, que os contemporâneos compreenderiam tacitamente (LEWIS, 1999, p. 32). Todos estes detalhes fazem com que a Tapeçaria, apesar de seu grande tamanho, seja uma obra que deve ser apreciada a uma distância bem próxima, e que o leitor deve possuir o conhecimento da contemporaneidade de sua criação para apreciá-lo em plenitude.

A narrativa se inicia com um encontro entre Haroldo e Eduardo, conversando possivelmente sobre os eventos que se seguirão, ou seja, a viagem de Haroldo para a Normandia de Guilherme. O duque e o conde tornaram-se posteriormente rivais

pela coroa do reino inglês, porém essa relação nem sempre foi inamistosa. Entre os anos de 1063 e 1064, Haroldo Godwinson pediu permissão ao rei Eduardo para velejar pelo Canal da Mancha, e possivelmente atracar na Normandia. Essa viagem, entretanto, não termina bem para o conde inglês: os relatos da época mencionam que uma tempestade fez com que seu navio naufragasse na costa de Ponthieu, na Normandia, e ele foi aprisionado pelo conde local de nome Guy, um vassalo de Guilherme, para ser usado como um refém de resgate. O duque normando, no entanto, ordena que Haroldo seja libertado, e Haroldo conviveu com Guilherme como um hóspede agradecido, e mostrando Guilherme como um senhor poderoso e compassivo.

Haroldo então dispõe a si e a seus homens para ajudar Guilherme em sua campanha contra os bretões, na figura do vassalo insurreto chamado Conan. O fato de que Haroldo é demonstrado com tantas capacidades – bens, vassalos, força – serve como uma posterior exaltação da vitória de Guilherme, pois quanto mais forte seu oponente, maior sua glória (THORPE, 1973, p. 60). A batalha contra os bretões é bem sucedida, e leva a uma importante cena onde Guilherme entrega armas a Haroldo. Essa entrega de armas tem um caráter ritualístico cavaleiresco, feita após a batalha, tornando Haroldo efetivamente um cavaleiro pelas mãos de Guilherme, e criando seu primeiro vínculo de obediência oficial. Após, ambos se dirigem à Bayeux, onde Haroldo faz outro juramento para Guilherme, colocando suas mãos por cima de duas relíquias sagradas e prometendo torná-lo rei da Inglaterra quando a sucessão chegar, e então ele retorna à Inglaterra.

Um novo episódio se inicia com a morte de Eduardo, e suas últimas palavras. Em uma visão pró-normanda, Eduardo teria “confiado” a Haroldo seu reino e de sua rainha, para que fossem mantidos seguros enquanto Guilherme não fosse oficialmente coroado. A visão pró-inglesa argumenta que o último desejo do rei Eduardo era de que Haroldo tinha sido confiado o reino para se tornar, sim, o seu governante. Ademais, logo após o falecimento de Eduardo, o conselho dos nobres ingleses, conhecido como *witenagemot* ou *witan*, se reuniu e resolveu eleger

Haroldo como líder real, em oposição a escolher um normando, um estrangeiro, como seu senhor. Haroldo foi então coroado sob o sinal de uma estrela cadente, considerada de mau agouro. A notícia da coroação chega até Guilherme por navio, e este em retaliação pela quebra do juramento de Haroldo cria uma frota de navios para a invasão. A passagem dos cavaleiros, sua chegada e sua preparação para a guerra são logo seguidas pela batalha em si, na qual após vários episódios bélicos a vitória é conquistada por Guilherme com a morte de Haroldo. O duque normando derrotou o único homem com força o bastante para contestar seu trono, e com suas forças ele continuou a combater quaisquer nobres ingleses que se opuseram a seu reinado. Guilherme foi então coroado em Londres no Natal de 1066.

A narrativa da Tapeçaria de Bayeux deixa transparecer um ponto importante das relações entre a nobreza medieval, que é a relação de suserania e vassalagem, de obediência para com seus superiores, em especial para o rei em seu topo. Esta fonte retrata os acontecimentos pela ótica normanda, ou seja, como o poderoso Haroldo Godwinson, conde inglês, foi punido por desígnio divino por ter quebrado os juramentos vassálicos ao qual prestou a seu rei Eduardo e a seu outro rei Guilherme.

Podemos arguir tais ideias especialmente nos episódios já levantados. Por exemplo, já na primeira cena, onde Eduardo está conversando com Haroldo, podemos observar isso tanto na visão normanda quanto na inglesa. De acordo com a narrativa pró-inglesa, Haroldo desejava visitar seus parentes na Normandia, mas fora impedido por Eduardo, sob pena de que traria grande desgraça ao reino inglês ao estar sob a mercê de Guilherme. Nessa ótica, se Haroldo finge uma viagem de prazer para em realidade visitar os seus parentes em segredo, ele já comete a primeira falha, ao desobedecer a ordem expressa de seu suserano e rei. Na narrativa normanda, Eduardo está enviando a Haroldo como mensageiro para Guilherme, prometendo o seu reino a este. Isso torna o conde inglês novamente um vassalo infiel quando ele, ao contrário do primeiro desejo de seu rei na narrativa, se torna o próprio rei da Inglaterra. Nas duas óticas, Haroldo já se demonstra um

homem que não cumpre seu papel, sua palavra e sua posição subordinada ao rei, que fora apontado por Deus como líder daquele povo.

Outro momento igualmente importante na narrativa ocorre após a vitória de Guilherme sobre os bretões, onde vemos a primeira ligação contratual entre Guilherme e Haroldo. A Tapeçaria expressa claramente que Guilherme deu a Haroldo “armas”, remetendo a um silêncio que o leitor contemporâneo deveria preencher com seu conhecimento. Ora, Guilherme concede às armas a Haroldo ao final da luta contra os bretões. Mas Haroldo tinha se voluntariado à luta com seus homens anteriormente, o que significa que essas armas concedidas não foram simples instrumentos de trabalho para o conflito – caso o fossem, esta passagem muito provavelmente teria ocorrido antes do conflito em si. Na imagem, Haroldo carrega um estandarte de batalha, denotando que possivelmente isso ocorreu durante ou logo após a batalha. Guilherme coloca uma mão sobre o elmo e outra sobre o peito do conde inglês, dando-lhe as armas ou colocando-lhe a armadura. Esse serviço seria de qualquer outro servo em outro momento, mas a tapeçaria o designa como feito pelo próprio duque normando. Podemos afirmar, portanto, que Guilherme está concedendo a Haroldo as “armas” da cavalaria, o ritual através do qual fazia a outro homem um guerreiro, um cavaleiro a seu serviço, com a honra e a recompensa apropriada a sua posição e a seus feitos (BARTHÉLEMY, 2010, pág. 217).

Haroldo está agora ligado a Guilherme não apenas como um hóspede, mas também como um de seus homens, um de seus cavaleiros. E é neste sentido que Guilherme é capaz de obter de Haroldo um juramento de ajudá-lo a se tornar rei da Inglaterra e se tornar seu vassalo, tendo este sido feito sobre duas relíquias sagradas que o duque normando possui. Temos neste ponto novamente as duas narrativas, normanda e inglesa. Do ponto de vista inglês, o juramento seria inválido pelo fato de que Haroldo era um prisioneiro, porém o fato de que esta jura foi feita com as relíquias selou um contrato religioso, um verdadeiro acordo testemunhado pelos céus, pelos santos e por Deus. Se Haroldo estava mentindo durante esta cerimônia

ele deveria arcar com a consequente fúria divina, que viria pela conquista e a morte em batalha. Se Haroldo estava injustiçado e preso, ele não deveria ter mentido para se safar, pois a mentira é pecaminosa, e se alguma injustiça era feita contra ele cabia a Deus providenciar para castigar o injusto anfitrião, fosse direta ou indiretamente. Do ponto de vista normando, o acordo era óbvia e completamente legítimo, e como um cavaleiro e futuro vassalo de Guilherme ele deveria ter cumprido sua parte do acordo, ou seja, de entregar o trono inglês. Sua falha o tornará, portanto, um perjuro, alguém que quebra a própria palavra dada, e a conquista da Inglaterra se apresenta não apenas como um desígnio divino, mas uma punição para a quebra da palavra de um cavaleiro para com seu rei legítimo.

Na morte de Eduardo, temos novamente outra diferença de opiniões. Para os normandos, não existe dúvida de que Eduardo deixara seu reino para Guilherme, e o fato dos nobres ingleses terem escolhido Haroldo como rei – e esse não ter se recusado – demonstra sua traição e seu perjúrio. Para os ingleses, Eduardo confiara o reino a Haroldo com sua morte, mas o fato de ter jurado que seria o vassalo de Eduardo e o vassalo de Guilherme, com dois desejos antagônicos, tornava-o um homem também dividido em seus deveres. Ele teria optado, afinal, por cumprir o último desejo de Eduardo, embora nesse meio termo não se tenha esquecido o juramento sagrado feito a Guilherme, lembrado pelo presságio da estrela que aparece, trazendo más notícias ao reino.

Afinal, um último episódio ocorre na batalha de Hastings, onde a luta continuou até a morte de Haroldo. Esta tem dois momentos, e no primeiro vemos Haroldo tentando retirar uma flecha do olho: num primeiro momento isso poderia demonstrar uma vitória para a arquearianão nobre, já que um ferimento desses era quase sempre fatal, e se não o era naquele momento, as chances de sobreviver às infecções eram baixas. De fato, para todos os efeitos, ao receber uma flechada no olho, Haroldo estava fora de combate, e as forças remanescentes estariam gravemente desencorajadas com isso. A flecha também serve como uma alusão ao castigo divino da cegueira, castigo esse provocado pela quebra do juramento

vassálico que Haroldo tinha feito a Guilherme. Entretanto, o rei tomba não com a flecha, mas com o ataque de um cavaleiro, que corta suas pernas com uma espada. A vitória que antes era da arquearia retorna aos nobres cavaleiros. Embora esse ataque, mirado nas pernas, tenha sido considerado inglório, e o cavaleiro que o afligiu tivesse sido expulso do exército com desonra, ainda assim ele é o golpe fatal: apenas alguém com status de cavaleiro tinha o nível apropriado para derrubar o pretense rei, também um cavaleiro. A vitória está, enfim, completa.

Todos esses episódios demonstram como esses homens ainda assim estão inseridos dentro de uma realidade onde Deus era o último suserano, primeiro entre os reis e guerreiros, e todos os reis e seus cavaleiros eram seus vassallos e cavaleiros em variados graus. Os juramentos de vassalagem eram, *ultima ratio*, um juramento não apenas a seu senhor, como também à ordem de Deus, e a quebra desse juramento era não apenas uma afronta à própria realeza, mas à própria divindade. Haroldo seria, portanto, um exemplo do que acontece com os cavaleiros poderosos que não cumprem seus votos de obediência para com seu rei, pagando o preço final por sua traição, e os eventos narrados na Tapeçaria seriam uma história exemplar de como o cavaleiro deve e não deve agir. Representadora do então pensamento da existência humana, a Tapeçaria de Bayeux mostra Haroldo como um cavaleiro perjuro, um guerreiro vassallo que não cumpriu sua palavra, sendo castigado por Deus pelas mãos de Guilherme. Isso torna as ideias de cavalaria e realeza não apenas uma inerte concepção de sociedade, mas uma forma de viver e morrer.

## REFERÊNCIAS

### Fontes Impressas:

GRAPE, W. (Ed.). **The Bayeux Tapestry: monument to a Norman triumph.** Munich/New York, s.d.

WILSON, D. M. (Ed.). **The Bayeux Tapestry:** London: Thames & Hudson, 2004.

### Bibliografia:

ABBOTT, J. **History of William the conqueror: markers of history.** New York: Cosimo Classics, 2009.

BARTHÉLEMY, Dominique. **A cavalaria:** Da Germânia antiga à França do século XII. Tradução: Néri de Barros Almeida e Carolina Gual da Silva. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2010.

BRIGGS, Asa. **História Social da Inglaterra.** Tradução: Néri Eduardo Nogueira. Lisboa: Editorial Presença, 1998.

BRIDGEFORD, Andrew. **1066: the hidden history in the Bayeux Tapestry.** New York: Walker & Company, 2004.

DUBY, Georges. **A sociedade cavaleiresca.** São Paulo: Martins Fontes, 1989.

DU PUY DE CLINCHAMPS, Philippe. **História breve da cavalaria.** Lisboa: Editorial Verbo, 1965.

FLECKENSTEIN, Josef. **La caballería y el mundo caballeresco.** Madrid: Siglo Veintiuno, 2006.

FLORI, Jean. **A cavalaria:** a origem dos nobres guerreiros da Idade Média. São Paulo: Madras, 2005.

GARCÍA FITZ, Francisco. **La Edad Media:** guerra e ideología (justificaciones religiosas y jurídicas). Madrid: Silex, 2003.

GRAVETT, Christopher. **Hastings 1066:** el fin de la Inglaterra Sajona. Madrid: Ediciones del Prado, 1994.

KEEN, Maurice. **La caballería.** Tradução de Elvira de Riquer e Isabel de Riquer. Barcelona: Ariel, 2008.

LEWIS, SUZANNE. **The rhetoric of power in the Bayeux Tapestry**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

MORSEL, Joseph. **La aristocracia medieval: el dominio social en Occidente (siglos V- XV)**. València: Universitat de València, 2008.

PRESTAGE, Edgar (Ed.). **A cavalaria medieval: ensaios sobre a significação histórica e influência civilizadora do ideal cavaleiresco**. Porto: Livraria Civilização, s. d.

THORPE, Lewis. **The Bayeux Tapestry and the Norman invasion**. London: The Folio Society, 1973.